
IGREJAS BATISTAS

NO BRASIL: CONSTRUÇÃO

DE TIPOLOGIAS*



Leonardo Gonçalves de Alvarenga**

Resumo: *o texto visa, a partir dos números do censo (IBGE-2010), mapear a complexidade e diversidade dos batistas no Brasil. A metodologia lança mão de dados quantitativos do IBGE e de entidades denominacionais, para ultrapassar uma leitura do senso-comum e avançar na compreensão desse campo religioso complexo. Também conta com pesquisa bibliográfica sobre os batistas em sites, livros e documentos que chamam atenção para história, doutrinas, continuidades e rupturas dos mais diferentes segmentos. Procura-se construir tipos ideais de batistas enquanto recurso metodológico para compreensão de uma realidade difusa e dinâmica dessa que é a maior denominação protestante histórica do Brasil.*

Palavras-chave: *Igrejas Batistas. Heterogeneidade. Tipologias. Censo do IBGE (2010).*

Neste artigo proponho apresentar os números relativos aos batistas no Brasil e problematiza-los à luz de seu crescimento e da coexistência de vários segmentos e representações, destacando suas principais rupturas, tendências, formas de gestão, doutrinas e origens. Esta primeira parte é suficiente para mostrar a complexidade de um segmento que na esteira da modernidade religiosa está longe de ter uma identidade normativa. Em seguida proponho a construção de tipos ideais (WEBER, 2003) a fim de desvelar as tramas ou movimentos finos por trás dos 3.723.853 batistas, segundo o último censo (2010). O tipo ideal é um instrumento metodológico que torna possível uma análise que compreenda as ações sociais e organiza a realidade do pensamento de modo racional (WEBER, 2003). Estes

* Recebido em: 22.11.2018. Aprovado em: 13.02.2019.

** Pós-Doutor em Sociologia Política (UENF). Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP). Mestre em Ciências da Religião (UMESP). Bacharel em Teologia (STBSB/UMESP). Pesquisador na Universidade Estadual Norte-Fluminense Darcy Ribeiro. *E-mail:* alvarengalg2@gmail.com

tipos ideais são uma tentativa de “costura” dos dados estatísticos em busca de uma inteligibilidade dos mesmos (Bourdieu, 1963). Falar de batistas é reconhecer sua pluralidade e diversidade, que passam por diferentes teologias, formas de gestão, origens, tendências etc. (ALVARENGA, 2017).

A MAIOR IGREJA PROTESTANTE HISTÓRICA MISSIONÁRIA DO BRASIL

Dentre os demais segmentos do protestantismo histórico e missionário, os batistas começaram por apresentar crescimento surpreendente no Brasil, afirma Mendonça (2002, p. 43): “Em 1889 eles somavam apenas 312 fiéis em quatro congregações. Partiram daí para se tornarem a maior Igreja tradicional de origem missionária”. Pierucci (2004) também destaca esse crescimento principalmente a partir de 1980, deixando os luteranos para trás. Chama atenção o fato de existirem poucos estudos acadêmicos sobre esse grupo religioso. Uma hipótese é que esse desinteresse segue paralelo ao crescimento dos pentecostais e, conseqüentemente, aos estudos sobre este movimento, justamente no período quando os batistas também vinham crescendo, guardadas as devidas proporções (FERREIRA, 2009).

Em 1910, a imprensa batista da Convenção Batista Brasileira (CBB), através de um dos seus principais jornais em nível nacional, estimava em torno de 7 a 8.000 batistas no Brasil (JB, 16 de janeiro de 1910). Em 1920, esse número já era de 20.135. A média de crescimento de 1920 a 1960 foi de 73,9%.

De acordo com a Aliança Batista Mundial, em 1923 havia no Brasil 22.087 batistas; em 1964 passaram a 212.520 (JB, 1965, dezembro, ed. 49, p.3). Em 1966, segundo Read e Ineson (*apud* MENDONÇA, 2002, p. 44): “a Igreja batista contava 264.137 fiéis, 0,3% da população brasileira com 4.305 Igrejas e congregações satélites, com a taxa de crescimento de 5,8%”. Em 2002, Mendonça sinalizava que essa taxa poderia decrescer. Somados os membros da Convenção Batista Brasileira, da Convenção Batista Nacional e das pequenas igrejas não ligadas às convenções, Mendonça estimou que os batistas chegassem a 1.310.000 no Brasil. Em 2010, essa estimativa foi ultrapassada e os batistas já eram 3.723.853, ou seja, 1,95% da população residente no Brasil. Portanto, na virada do milênio, a denominação cresceu, porém com uma taxa menor que nos anos anteriores. No estado do Rio de Janeiro, deixaram de ter 2,61% em 2000 para 1,72% da população em 2010. Do outro lado, as demais igrejas protestantes históricas não passavam de 1,06%. No Brasil, as demais igrejas juntas somavam 2,06% da população contra os já apresentados 1,95% de batistas.

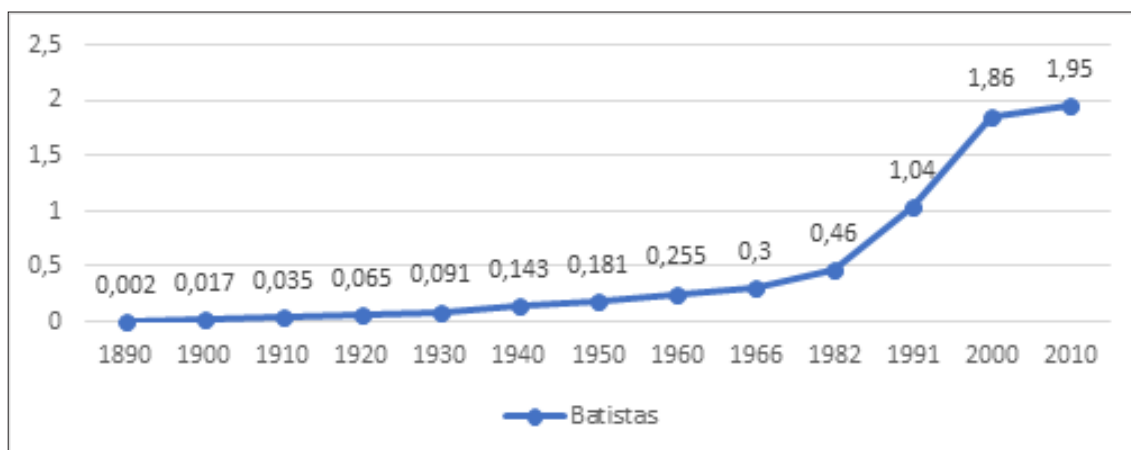


Figura 1: Gráfico da evolução dos Batistas no Brasil - 1890-2010

Fonte: JB, 29 de junho de 1963 (1890-1960); Mendonça (2002, p. 44; Pereira (2001, p. 433); Censo Demográfico do IBGE (1991, 2000 e 2010).

Na Figura 1 é possível perceber que, desde o final do século XIX, os batistas estão em uma linha ascendente, com um grande salto a partir da década de 80, quando apresentam uma taxa de crescimento superior a dos anos anteriores, experimentando uma leve desaceleração somente na virada do milênio.

No Atlas de filiação religiosa, lançado em 2003, após o censo de 2000, aponta que dentre a multiplicidade de comunidades de confissões protestantes tradicionais, que lembra a dos pentecostais, a denominação é dominante, com cerca de 37,3% dos evangélicos de missão, possuindo 3,1 milhões de fiéis, distribuídos por todo território nacional, apresentando, porém, muitos contrastes. Segundo o Atlas (2003, p. 71):

Sua implantação principal se dá no município do Rio de Janeiro, que reúne quase 500 000 membros, contingente muito distante do de outras grandes cidades, onde os batistas também são numerosos, como São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Salvador; que reúnem de 130 000 a 200 000 adeptos. Mas ao lado da presença expressiva nas capitais, os batistas se localizam em outras regiões do país, como no norte do Rio de Janeiro, no leste de Minas Gerais e no sudeste da Bahia. [...] O aumento das porcentagens dos batistas na população total, entre 1991 e 2000, é significativo no norte do Rio de Janeiro, no leste de Minas Gerais e no sudeste da Bahia. A Igreja Batista cresce igualmente nas capitais nordestinas de Salvador, Recife e João Pessoa. É, porém, na Amazônia ocidental que se verificam os maiores crescimentos dos fiéis das Igrejas Batistas no país.

O que se pode observar é que a maior presença dos batistas ainda está no sudeste, com uma presença um pouco menos representativa, porém em crescimento, no nordeste e norte do país.

Na região sul, a presença de batistas é muito pequena se comparada às regiões norte, nordeste e sudeste. Uma das razões talvez esteja no histórico de povoamento dessa região, que favorece mais a Igreja Católica, sobretudo no que diz respeito aos imigrantes de origem italiana, visto que sua identidade cultural está estreitamente ligada ao catolicismo. Outrossim, há a presença dos alemães, com forte influência luterana.

Houve também um grande crescimento dos batistas nas capitais nordestinas de Salvador, Recife e João Pessoa e na Amazônia ocidental, “onde se tem verificado os maiores crescimentos dos fiéis das Igrejas Batistas no país” (ATLAS, 2003, p. 71). Uma hipótese para este crescimento consiste na onda *pentecostal* e das igrejas em células que alcançou essas igrejas no início da década de 90 representada especialmente pela fundação da Primeira Igreja Batista da Redenção, sob a liderança de Renê Terra Nova.

Na Figura 2, a partir do Atlas (2003, p. 73), dá uma visão panorâmica acerca da distância dos batistas em relação a outras denominações:

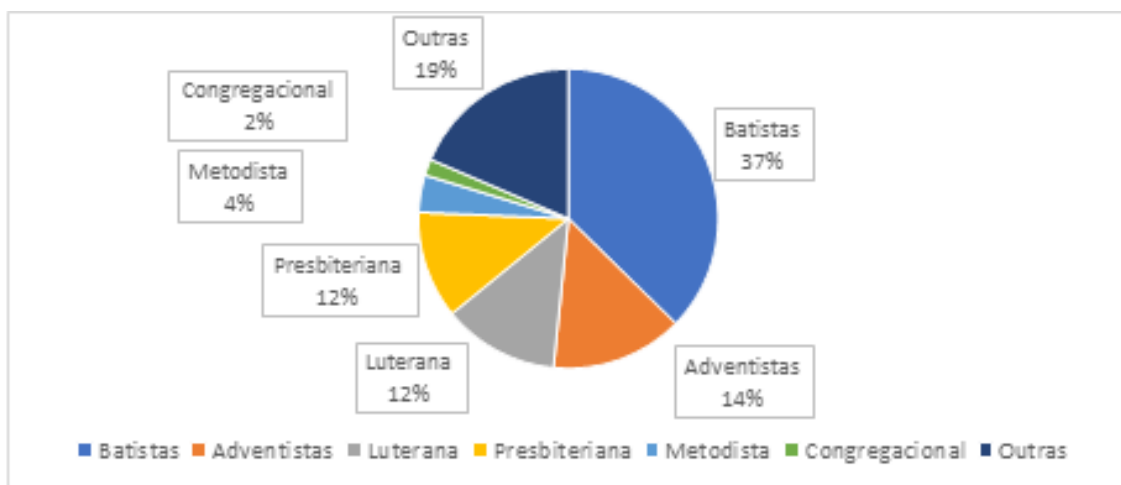


Figura 2: Gráfico das Igrejas Evangélicas de Missão - 2000

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2010.

Em 2010, esse gráfico sofre outras modificações, sem, contudo, alterar a colocação anterior entre as diferentes denominações¹:

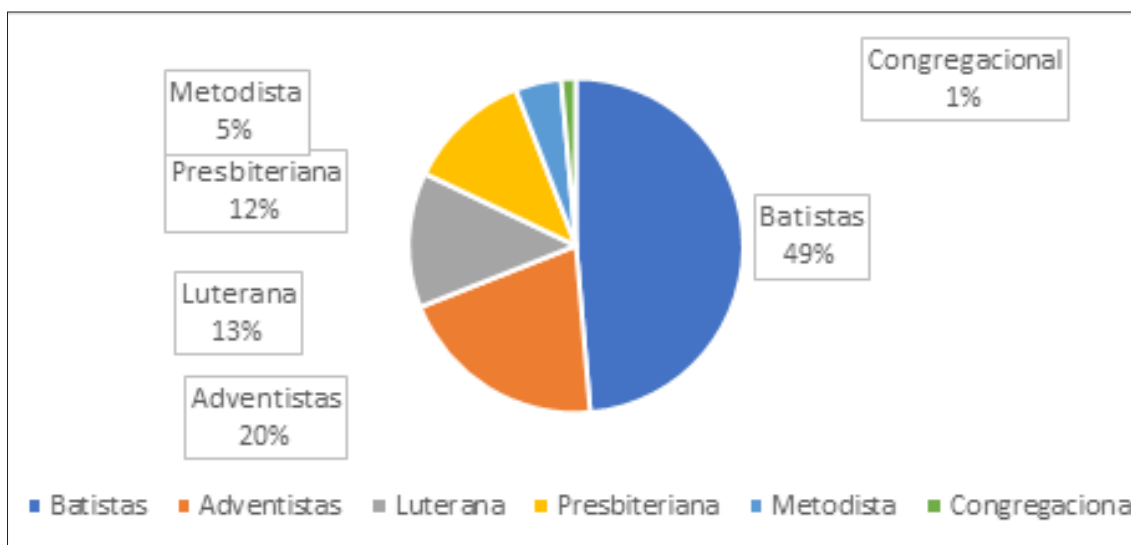


Figura 3: Gráfico das Igrejas Evangélicas de Missão - 2010
 Fonte: Censo Demográfico do IBGE (2010).

Nestes dois últimos gráficos, é possível verificar que os grupos protestantes com maior crescimento no Brasil na segunda metade do século XX, foram os batistas e adventistas. Uma informação importante é que se os batistas perdiam numericamente para os luteranos até o final da década de 60, os dados do censo 2000 mostram que houve um aumento dos batistas em relação aos luteranos de mais de 50% do total, e em 2010 houve mais um aumento em relação a estes.

UM MAPEAMENTO DA DIVERSIDADE E RUPTURAS ENTRE OS BATISTAS

No Brasil, os batistas possuem pelo menos quatro entidades representativas: Convenção Batista Brasileira (CBB), Convenção Batista Nacional (CBN), Convenção Batista Pioneira (CBP), Convenção Batista Conservadora (CBC) e Convenção de Igrejas Batistas Independentes (CIBI). Outros batistas não possuem nenhum órgão expressivo que os represente com a mesma envergadura das demais. Assim, nesse tópico, pretendo mapear essas representações que demonstram o quanto o universo batista pode ser complexo e heterogêneo.

a) A Convenção Batista Brasileira (CBB)

A CBB foi fundada em 1907, na cidade de Salvador-BA, por um grupo de pastores e missionários oriundos da missão norte-americana (Azevedo, 1996). Seu principal idealizador foi o missionário Salomão Ginsburg, “pai da Convenção Batista Brasileira” (PEREIRA, 2001, p. 141). Nos primeiros anos de trabalhos dos batistas no Brasil, haviam convenções menores em diferentes estados,

como Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco e outros. Com a criação dos órgãos comunicativos, como a Casa Publicadora Batista e o *Jornal Batista* (1901), e o aumento do número de missionários, a perspectiva de criação de um órgão nacional que buscasse integrar as diferentes igrejas e convenções foi tomando forma. Era o intuito criar uma convenção só de missionários (PEREIRA, 2001). Apesar de alguns entraves sobre a viabilidade ou não de criar uma convenção nacional, com o aval do pastor da maior igreja no Brasil, Francisco Fulgêncio Soren, criou-se, no dia 22 de junho de 1907, esse que seria um órgão destinado à cooperação entre as igrejas. A primeira reunião ocorreu entre os dias 22 a 30 de junho de 1907 (*JORNAL BATISTA*, 9 mai., 1907, ed. 18, p. 3). A programação foi dirigida pelo missionário Salomão Ginsburg, também idealizador, além dos também missionários W.B. Bagby; Z.C. Taylor e A.B. Deter (*JORNAL BATISTA*, 9 mai., 1907, ed. 18, p. 4).

Atualmente essa convenção (CBB) é a que comporta um maior número de igrejas filiadas. Em 2010, de acordo com o *Livro do Mensageiro* (2011, p. 46,47), eram 1.361.312 de membros, 7.806 igrejas e 4.377 congregações. Do ponto de vista doutrinário, segue “Os princípios batistas” e a “Declaração Doutrinária da CBB”, fundamentalmente baseada numa outra declaração norte-americana, de New Hampshire (*THE NEW HAMPSHIRE CONFESSION*, 1833). Estes batistas formam a primeira leva que chegou ao Brasil em 1871 (ALVARENGA, 2017).

b) A Convenção Batista Pioneira (CBP)

A CBP nasceu em 15 de maio de 1910, na Linha Formosa, interior de Santa Cruz do Sul (RS), hoje município de Vale do Sol, congregando inicialmente seis igrejas de origem imigratória de alemães e letos, radicados em terras brasileiras desde a segunda metade do século XVIII. A CBP desde 1912, tem estabelecido laços cooperativos com a CBB, quando Ricardo Pitrowski foi enviado ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, com apoio financeiro convencional. Após a formatura dele, continuou no Rio, onde pastoreou a Igreja Batista de Engenho de Dentro e fundou o Instituto de Cegos, além de ter sido secretário da Junta de Missões Estrangeiras da CBB (CBP, 2010, p. 74). O primeiro estatuto foi votado em 1909 e promulgado em 1910. Na Convenção das Igrejas Batistas Alemães do R.G.S., não consta a filiação formalmente, porém há atividades e referências a trabalhos da CBB, como o Seminário do Sul, às Juntas missionárias da CBB, ao Instituto de Treinamento Cristão (ITC) - antecessor do Instituto Batista de Educação Religiosa (IBER) e do Centro Integrado de Educação e Missões (CIEM), à União Geral de Senhoras, entre outras. Em 1939, com o advento da II Guerra Mundial, a CBP transformou-se em Associação

das Igrejas Batistas Teuto-brasileiras e passou a integrar a Convenção Batista do Rio Grande do Sul (CBRS) até 1964, quando houve a formalização da separação. Nessa convenção de caráter regional, embora se considere ligada por parentesco à Convenção Batista Brasileira, as suas igrejas estão espalhadas em cinco estados (RS, SC, PR, SP e ES) e presentes em 79 municípios. Contam com um total aproximado de 9000 membros, distribuídos em 60 Igrejas e 44 congregações, mantendo 7 instituições sociais, uma instituição educacional (Seminário Teológico) e 2 acampamentos (ESPERANDIO, s.d).

c) A Convenção Batista Nacional (CBN)

A CBN foi fundada em setembro de 1967 na Igreja Batista de Lagoinha, Belo Horizonte-MG. Esta nasceu a partir de um movimento “renovista” e “avivalista”, espelhado nos movimentos avivalistas ocorridos nos EUA, e não somente (SILVA, 2015). As mudanças históricas no Brasil, o avanço do pentecostalismo e outros novos movimentos religiosos também provocaram, se não determinaram essas mudanças (AUBRÉE, 2007).

Na primeira década do século XXI, a CBN já possuía igrejas em todos os Estados do Brasil. Em números “aproximados”, conforme dados da instituição, estavam com 2.882 (Igrejas/congregações/missões – somadas) e, também aproximadamente, 412.750 batistas nacionais (HISTÓRIA DOS BATISTAS NACIONAIS, [s.d], p. 284).

d) A Convenção Batista Conservadora (CBC)

A CBC remonta sua origem à Missão de Örebro, Suécia (KAPPAUN, 2012). Esta convenção possui uma ênfase mais explícita a doutrinas próprias do fundamentalismo como a *inerrância* das Escrituras. No Brasil possui sede no Sul, em Bagé/RS, onde concentra a maioria das igrejas. Foram dois os missionários fundadores da Igreja Batista Conservadora nessa localidade: John e Gertrud Siöeberg. Além de Bagé, atuaram em outras cidades como Porto Alegre (RS). O surgimento da CBC está ligado a CIBI, pois com o passar dos anos, ocorreram conflitos por discordâncias doutrinárias. Com isso, a fim de guardar “a doutrina bíblica” (PORTAL BATISTA, s.d.) ensinada pelos missionários suecos fundaram uma união de fiéis dispostos a batalhar pelos ensinamentos bíblicos que os primeiros suecos tinham trazido (OLIVEIRA, 2016). Portanto, na cidade de Bagé-RS como já mencionado, criou-se a União Conservadora Batista Independente, sem o desejo de romper com a CIBI. Isso não foi suficiente, pois os embates se mantiveram. Assim, os conservadores se organizaram oficialmente e se desligaram da CIBI e em uma assembleia geral ordinária realizada em Criciú-

ma – SC, foi aprovado o “Projeto Josias” de autoria do pastor presidente Gideão Muniz, em 16 de janeiro de 1996, criando então a Convenção Batista Conservadora (CBC) (OLIVEIRA, 2016; PORTAL BATISTA, s.d.).

e) A Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIBI)

A CIBI está presente não só no Brasil, como em outros países da América Latina e da Europa e regiões inóspitas do norte da África, Oriente Médio e Ásia. Assim como a CBC, a CIBI remonta sua origem à Missão de Örebro (Suécia). As Igrejas Batistas Independentes foram organizadas desde a chegada do missionário Erik Jansson em 1912, inclusive ao Sul do Brasil, na cidade de Guarani das Missões, RS. Esta seria a segunda tentativa de implantação do trabalho missionário promovido pela Örebromissionen (Missão de Örebro) no Brasil, depois da chegada de Adolf Larsson, que ao chegar na cidade do Rio de Janeiro em 1893, teve febre amarela e faleceu em São Paulo pouco tempo depois (KAPPAUN, 2012).

A CIBI mostra-se rigorosa quanto à questão doutrinária. Conforme estatuto, prevê a admissão de igrejas que, além do óbvio para as igrejas protestantes de um modo geral, aceitem a Bíblia como regra de fé e prática, reconheçam como fiel e verdadeira a exposição doutrinária contida nos “Princípios de Nossa Fé”, estejam em harmonia com as igrejas coirmãs e que participem com o “dízimo-dos-dízimos”, ofertas de missões e outras contribuições financeiras com objetivos missionários.

Sua presença em números no Brasil é relevante, segundo dados da própria convenção. Em dezembro de 2010, como registrado pelo site da CIBI havia uma presença de 708 Igrejas, sendo 204 congregações de igrejas; 70 campos missionários e 434 igrejas emancipadas. As Igrejas Batistas Independentes, tem três tipos básicos: 1 – igreja emancipada (IG); 2 – congregações de igrejas (CG); 3 – campos missionários (CM). Todavia, o número de membros não é tão grande, muito embora a própria liderança reconheça que possa haver um maior número. Eram ao todo 65 mil fiéis em todo o Brasil, onde o maior número se concentra nas igrejas (IG). As igrejas Batistas Independentes estão organizadas em vários estados brasileiros. O registro é de que em cada uma das 27 unidades da federação exista pelo menos uma representatividade. Os estados com maior número são os estados do Paraná (55 igrejas, 19 campos missionários e 36 congregações); do Rio Grande do Sul (48 igrejas, 6 campos missionários e 31 congregações); de São Paulo (78 igrejas, 3 campos missionários e 19 congregações) e o estado da Bahia (58 igrejas e 13 congregações) (MELO, 2010). Nota-se, portanto, que sua maior representação está no Sul do país, onde se deram os primeiros trabalhos.

f) Igrejas Sectárias

Além dessas mais expressivas entidades, outras correntes de batistas coexistem no cenário nacional, que resolvi chamar de sectárias, ainda que seja uma redundância, considerando a origem histórica dos batistas na Inglaterra e Holanda (AZEVEDO, 1996). É o caso das Igrejas Batistas Regulares, fundada em 1932, quando foi organizada a General Association of Regular Baptist Churches (GARBC) por batistas que se separaram da Convenção Batista do Norte, dos Estados Unidos, liderados por Howard C. Fulton. Os batistas regulares se declaram conservadores, fundamentalistas e separatistas. Rejeitam o pentecostalismo e qualquer de suas expressões. Em 2010, contava com mais de 700 congregações, 5 seminários, uma editora e vários acampamentos. Como destaque de sua presença marcante quanto ao restante do país, os campos do Rio Grande do Norte, Ceará e São Paulo (BATISTAS REGULARES, 2010).

Ainda há os Batistas Renovados, que surgiram concomitantemente ao *Movimento de Renovação Espiritual*, que deu origem à CBN em 1964, na cidade de Aracatuba-SP (A HISTÓRIA DE NOSSA IGREJA, 2015). Também os batistas da Letônia, que vieram para o Brasil em 1892, criaram suas colônias e também fundaram suas primeiras comunidades. Isso no município de Orleans, em Santa Catarina, ao longo do Rio Novo e aos pés da serra de São Joaquim (PURIM, 1992). Na mesma onda desse grupo étnico, estão os batistas eslavos, predominantemente no Paraná, que é uma composição de russos, ucranianos e poloneses que chegaram ao Brasil entre 1926 e 1934, quando fundaram igrejas em São Paulo e Curitiba (MIRANDA; NADALIN, 2009, p. 64-72).

Mais recentemente, surge, nesse campo religioso complexo, um outro ramo, denominado Igreja Batista Reformada, também de cunho fundamentalista. Ligada de forma representativa à *Comunhão Reformada Batista no Brasil*, que se caracteriza como uma “associação religiosa, sem fins lucrativos, organizada pela iniciativa de evangélicos brasileiros em 10 de junho de 2004, e reúne indivíduos que, mesmo em denominações diferentes, podem subscrever a *Confissão de Fé Batista de 1689*” (CRBB, 2013). São calvinistas em sua doutrina e defendem um elo histórico e doutrinário com os princípios da reforma protestante do século XVI. Contudo, no dia 31 de outubro de 2017, no mesmo dia em que foi comemorado os 500 anos da Reforma Protestante, foi organizada a *Convenção Batista Reformada do Brasil*, (CBRB.) Segundo o seu presidente, Valter Reggiane, a CBRB o objetivo não foi dividir os batistas, antes aglutinar os que professam a fé reformada “aquela mesma que estava presente quando surgiram as primeiras igrejas batistas no século XVII, conhecidos como batistas particulares, dos quais todos os batistas brasileiros são herdeiros (SILVA, 2017).

Esse mapeamento é válido no sentido de mostrar, por trás dos números, o cenário fragmentado e complexo da denominação batista no Brasil. Estas informações, que apontam para uma realidade complexa deste subcampo do protestantismo, já seriam suficientes para construção de tipos ideais dos batistas em nível nacional, além de avançar na hipótese de que os batistas não formam um bloco homogêneo, mas heterogêneo (ALVARENGA, 2017). Os batistas possuem diferentes tendências e representações, ora antagônicas, ora comuns, de maneira que favorece a interpretação de sua heterogeneidade.

POR UMA TIPOLOGIA BATISTA EM NÍVEL MACRO

O que é necessário para construir um tipo ideal? Weber (2003, p. 106) ressalta que devem ser acentuados, unilateralmente, alguns aspectos do objeto observado:

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grandes quantidades de vistas, e mediante o encadeamento de grandes quantidades de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de formar um quadro homogêneo de pensamento. Torna-se impossível encontrar empiricamente esse quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia. A atividade historiográfica defronta-se com a tarefa de determinar, em cada caso particular, a proximidade entre realidade e o quadro ideal.

Nos fenômenos concretos, é necessário investigar sua particularidade, mostrando alguma das suas características, e com isso criar um conceito individual em oposição ao conceito geral. O tipo ideal não existe empiricamente, por isso ele é puro. Trata-se apenas de um reflexo da realidade, não a realidade em si. O pesquisador o constrói mentalmente, destacando os principais aspectos que deseja estudar. Por isso, o tipo ideal está longe de ser uma cópia da realidade. Ele é um instrumento metodológico que torna possível uma análise que compreenda as ações sociais e organiza a realidade do pensamento de modo racional. “A construção de tipos ideais não interessa como fim, mas única e exclusivamente como meio do conhecimento” (WEBER, 2003, p.108).

Seguindo a linha weberiana (WEBER, 2003), bastante inovadora da construção de tipos ideais enquanto recurso metodológico para compreensão de uma realidade difusa e dinâmica, mediante o que já foi exposto, os batistas poderão ser divididos em: batistas fundamentalistas, batistas pentecostais, batistas étnicos, batistas empreendedores e batistas heterodoxos. Essa tipologia abrange prin-

principalmente os batistas no Brasil e podem fazer intersecções das mais variadas possíveis, como explicarei no final deste tópico.

a) Batistas fundamentalistas

A característica do fundamentalismo aqui diz respeito a um regime de verdade baseado em sistema dogmático da Bíblia, cujos atores se utilizam para se certificar da sua verdade e *inerrância*, e, por conseguinte da veracidade de seus dogmas. “O ponto decisivo está na autoridade que o texto (bíblico) tem para sustentar todo este edifício dogmático” (NOGUEIRA, 2002). Seria compreensível, portanto, diante do tópico anterior, dizer que os batistas fundamentalistas são os batistas regulares, conservadores e reformados; no entanto, como diz Paulo Nogueira (2002), dificilmente uma igreja assume que é fundamentalista. A maioria dos grupos fundamentalistas rejeitam esse título. Se perguntássemos a algum membro dessas igrejas se ele(a) é fundamentalista, a resposta na maioria das vezes seria: *sou um evangélico-bíblico, evangélico-conservador ou um crente das origens* (NOGUEIRA, 2002).

O que a maioria dos analistas sobre o fundamentalismo concorda é que este movimento tem como marco uma reação contra o liberalismo protestante e contra o movimento *Social Gospel*. Outros autores, como Martin E. Marty (1998, p. 585), dirão, de forma mais generalizada, que o fundamentalismo é um tipo de reação religiosa contra toda forma de modernidade. O ponto mais importante contido nesses fascículos era a defesa da *inerrância das Escrituras*, ou seja, não se admite nenhum erro nas Escrituras Sagradas, mesmo mediante interpretação (WILLAIME, 2006, p. 523). Os impactos desse movimento no Brasil foram grandes, a começar pelos seminários teológicos e nas igrejas (CASTRO, 2003; ALVARENGA, 2005).

b) Batistas pentecostais

Este tipo se opõe ao fundamentalista pela *racionalidade* com que estes lidam com o texto bíblico e com as experiências. Enquanto o batista fundamentalista se assegura pela “verdade” do texto, o batista pentecostal se assegura por um deslocamento do regime de verdade, que passa das verdades obrigadas e controladas às verdades a serem acreditadas pela valorização da autenticidade pessoal das “testemunhas de sentido”, na qual a autoridade se impõe aos sujeitos religiosos por meio dos testemunhos que eles dão da autenticidade de suas trajetórias pessoais (HERVIEU-LÉGER, 2000).

O batista pentecostal pode ser melhor identificado a partir da década de 60, nas discussões e acontecimentos que culminaram no surgimento da CBN, em 1964. Não

é de agora que os batistas possuem essas características do movimento pentecostal no Brasil. Se num primeiro momento da história batista, em seu período de estabelecimento no país, trazia em suas práticas um *espírito* modernizante e republicano (AZEVEDO, 1996), centrado na doutrina e algumas outras características que os distinguissem da igreja católica, a partir da década de 60, surge no cenário uma nova *ameaça ao habitus*² ou jeito de ser batista até então: os pentecostais, e mais recentemente, os neopentecostais (ALVARENGA, 2017). Estes já demonstravam tendências de um crescimento maior que os protestantes tradicionais vinham tendo. Não demorou muito para que logo surgissem grupos e pessoas alegando experiências semelhantes às que existiam no interior do pentecostalismo, enquanto uma série de reprimendas dos grupos mais conservadores vinham à tona.

No Jornal Batista foram publicados artigos com tom de advertência e preocupação, que apontavam indícios de *pentecostização* dos batistas (CAVALCANTI, 1963, p. 4) e a divisão entre as igrejas e na própria convenção, abalando sua estrutura e unidade (PITROWSKY, 1962, p. 4). Além de constatar seu grande crescimento (CAVALCANTI, 1963a, p. 7) e influência principalmente sobre os pastores (DIMÁRZIO, 1963, p. 4).

Desde então, muitas igrejas batistas passaram a se identificar com esse movimento de *pentecostização* ou renovação, como queira, uma vez que a questão central era em torno da doutrina do Espírito Santo e a segunda bênção, o que era comum nas igrejas ditas pentecostais até então. A igreja, em nível nacional, que maior representa esse tipo ideal é a Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte (PEREIRA, 2011), filiada à CBN.

c) Batistas étnicos

Estes tipos de batistas são mais fáceis de identificar e diferenciar dos demais tipos.

A importância de preservar sua cultura é um fator fundamental de identificação. São considerados étnicos pela explícita preservação e identificação com sua cultura de origem (língua, costumes, estabelecimento de fronteiras), concomitantemente com as doutrinas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998).

No caso dos batistas eslavos, primeiro se instalaram em São Paulo e faziam parte de um grupo de pessoas que experimentavam dificuldades tanto materiais quanto *espirituais* na antiga União Soviética, afirma Miranda e Nadalin (2009). Com o crescimento, reascenderam os ânimos entre as diferentes etnias no seio da comunidade, e cada uma delas seguiu seu rumo. Contudo a primeira comunidade que se estabeleceu no Paraná continuou se identificando como eslava e realizando seus cultos na língua russa. Após a segunda guerra mundial, recebeu uma nova leva de imigrantes refugiados. Em 1955, a congregação, no auge do

processo de institucionalização, organizou-se definitivamente como Primeira Igreja Evangélica Batista Eslava de Curitiba. Com o intuito de não perder espaço no campo religioso, a igreja decidiu, em 1978, mudar o seu nome para Igreja Batista de Água Verde e também suas estratégias, voltando-se para um público mais heterogêneo (MIRANDA; NADALIN, 2009).

Além dos batistas eslavos que se instalaram em São Paulo e Curitiba, um outro grupo de batistas étnicos são os letos, reconhecidos como *batistas letos*. As igrejas com essa filiação concentram-se em cidades da região Sul e Sudeste. Suas origens remontam praticamente às mesmas dos eslavos, mas suas histórias são diferentes. Os primeiros migrantes chegaram ao Brasil para trabalhar em terras com agricultura. Antes disso, de acordo com uma matéria publicada no Jornal Batista, de 9 de março de 1963, o Prof. Dr. K. Balodis, um economista da Letônia, tendo conhecido uma forte corrente migratória da Alemanha para o Brasil, veio junto para uma viagem de estudos no país. Ao chegar, conheceu uma Companhia Colonizadora em Santa Catarina, que permitiu ao economista identificar facilidades e caminhos para migrantes europeus. Isto fez com que ele tomasse a iniciativa de abrir caminhos para 25 famílias letas, que chegaram ao Brasil em 1890, quando fundaram a colônia de Rio Novo. Em 1892, organizaram a Primeira Igreja Batista em Rio Novo, SC. Em 1895, fundaram a Igreja Batista Leta na Linha 11, Ijuí, RS. Outro grupo veio em 1906 à Nova Odessa, SP. E, então, o maior grupo de famílias se estabeleceu em Varpa, SP, no ano de 1922. Este foi considerado o movimento mais expressivo dos batistas letos, logo após a 1ª Guerra Mundial (1914-1918). Cerca de 2.500 batistas, em 5 levadas diferentes chegaram até as matas virgens do oeste do estado de São Paulo, onde fundaram a colônia de Varpa, a 600 quilômetros da capital e a 30 km de Sapezal, a mais próxima estação da E.F Sorocabana, na margem direita do Rio do Peixe (JORNAL BATISTA, 9 mar. 1963, ed. 10, p. 4). Em 1950, nasceu, mediante esforços de cooperação e empreendimentos missionários, a Associação Batista Leta do Brasil (ABLB).

d) Batistas empreendedores³

Das características do empreendedorismo, podemos extrair alguns elementos importantes: inovação, paixão, liderança e o duplo aspecto institucional (WEBER, 2000). Segundo Martes (2010), não foram poucos os trabalhos da sociologia clássica (WEBER, 2000; SCHUMPETER, 1985) que se referiram ao empreendedorismo como o conflito fundamental do século XIX: inovação versus tradição. Ainda que o batista empreendedor possa flertar com o batista pentecostal, seu apego a ferramentas e estratégias são mais proeminentes que a experiência em si. Nem sempre um batista pentecostal age como empreendedor (ALVARENGA, 2017).

Embora essa mentalidade seja desafiadora dos *aspectos cristalizados* ou dos modos de ser batista até então, por não tocarem diretamente em aspectos doutrinários, são desafiadores conforme colocados em prática (ALVARENGA, 2017). Uma vez que esse modelo se constitui um desafio ao modelo democrático e coletivo. Guardadas as devidas proporções, assim como as Ad's (ALENCAR, 2013), os batistas cresceram, e com isso se burocratizaram. Fundada na racionalidade burocrática, obedecendo a leis, estatutos e processos.

Essa profissionalização permite que haja visões empreendedoras, com perfis extremamente carismáticos, como o caso emblemático do pastor Nilson do Amaral Fanini, da Primeira Igreja Batista de Niterói, 41 anos à frente desta *megaigreja*⁴; e do outro lado, a onda dos movimentos de *crescimento de igrejas*. Ambos têm suas origens muito próximas do ponto de vista cronológico, como veremos.

Nilson do Amaral Fanini, segundo os batistas, foi considerado o maior evangelista no Brasil. Sua liderança e carisma chamavam atenção principalmente e, à luz dos conceitos até então colocados aqui sobre empreendedorismo, pelos resultados, pela inovação e liderança.

Sites populares de pesquisa classificam Fanini de pastor, teólogo, inclusive empresário (https://pt.wikipedia.org/wiki/Nilson_Fanini). Além de assumir vários cargos denominacionais, Fanini manteve um vínculo significativo com a mídia televisiva. Ele apresentou um programa chamado Reencontro, exibido em 146 emissoras de TV no Brasil e 10 nos EUA. Embora não tenha sido o primeiro a lançar mão de recursos midiáticos no Brasil entre os protestantes/evangélicos, foi o primeiro a estar em rede nacional (FAJARDO, 2015). Tais iniciativas não devem ser separadas do processo de formação do pastor/empresário Fanini. Nos anos 1950, fez seus estudos nos EUA, tendo voltado para visitas e atualizações no *Southwestern Baptist Theological Seminary* (em Fort Worth, Texas) em meados de 1960, quando estabeleceu contatos muito próximos com uma tendência que estava ganhando consistência no cenário sociocultural norte-americano: a igreja eletrônica. Inspirado no pastor norte-americano Billy Graham, Fanini seguiu o modelo de grandes eventos (chamados *crusades*) e de programas televisivos nos EUA pós-guerra. “Neste país, a pregação em meios de comunicação de massa consistiu nos anos 1960, em um fenômeno sociocultural de grande importância, com evidentes desenvolvimentos posteriores” (CASTRO; DUSILEK; SILVA, 2016, p. 82).

O pastor/empresendedor Fanini manteve relações políticas que o projetaram no cenário nacional, levando-o a obter até mesmo passaporte diplomático no governo de Fernando Henrique. Sempre conservador, ao lado de outros líderes denominacionais, mostrou-se simpático à ditadura militar em 1980, quando esteve com o presidente Figueiredo, manifestando apoio *moral e espiritual* (JORNAL BATISTA, 7 dez. 1980, Ed. 49, p.12) às medidas até então tomadas.

A PIBN chegou a ter 7 mil membros arrolados durante a liderança do pastor Fanini (FAJARDO, 2015). De 1987 a 1992 foi proprietário da TV Rio, até a compra desta pela TV Record. Como nos conta Fajardo (2015, p. 306):

Portador de “notórias habilidades oratórias e organizativas, tom comedido e uma certa sobriedade nas técnicas manipulativas” o líder batista ganhou certa notoriedade. [...] seu nome chegou até ser cogitado diversas vezes para candidato a presidência da República.

O pastor Fanini representa um empreendedor também à medida que consegue a contento estabelecer relações políticas e amigáveis, para alcançar seus objetivos (FAJARDO, 2015).

Podemos citar outros exemplos de líderes que seguiram nessa esteira: pastor Ary Velloso (Igreja Batista do Morumbi), pastor Paschoal Piragine Jr. (Primeira Igreja Batista de Curitiba) etc. Importante frisar que, em sua maioria, essas igrejas procuram seguir modelos importados de outros países, de outras igrejas e líderes que foram bem-sucedidos.

O exemplo que demos é que aquele se deu em torno da figura carismática do seu líder, Nilson do Amaral Fanini. Uma *gerontocracia* dominante (ALENCAR, 2013, p. 86). A legalidade carismática é da pessoa do líder, não da instituição.

e) Batistas heterodoxos

Os batistas heterodoxos têm uma relação diferente com a Bíblia, com a experiência, com a cultura e com as inovações trazidas pela modernidade. O termo heterodoxo ficou também conhecido pela sociologia através do sociólogo marxista da religião, Michael Löwy⁵. Inspirado provavelmente naquele que foi seu orientador no período de doutorado na França, Lucien Goldmann, no início da década de 60. O uso do termo é utilizado sobretudo para designar alguns autores que Löwy considera como marxistas *heterodoxos*, cujas interpretações sobre os fenômenos religiosos são bastante inovadoras em relação aos *clássicos*. Em 2016, o historiador, cientista da religião e teólogo, Fábio Py, escreveu sua tese no lastro do pensamento de Michael Löwy, sobre uma personagem batista esquecida na história, *Lauro Bretones, um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1966*. O termo heterodoxo possui uma conotação de crítica à modernidade e, em certa medida, um apelo romântico no sentido claro deste movimento.

Geralmente, esses tipos de batistas são como vozes dissonantes em pequenos grupos de gente mais intelectualizada ou escolarizada, mas nem sempre. Um nome para ser lembrado é o do já mencionado Lauro Bretones (1948-1956). Além dele,

outras personagens tão importantes quanto, foram David Malta Nascimento, Himain Lacerda e Hélcio Lessa (PY, 2016). Todos eles fizeram parte do movimento *Diretriz Evangélica*, que teve como impulsionador o Congresso da Mo-cidade Batista, organizado por Lauro Bretones, em 1948. Em uma carta escrita por David Malta Nascimento (*apud* PY, 2016, p. 63), seminarista até então, neste mesmo ano, considera Lauro Bretones como “voz ativa e destemida de cristão e patriota que conclamou os homens livres desta terra para defesa da nossa constituição [...] Repetem-se no presente as arbitrariedades do passado. Atentam-se, em 1948, contra os direitos da minoria”.

No bojo do movimento *Diretriz Evangélica* “se esboça o envolvimento na sociedade, com a luta por ‘conscientização’, ‘responsabilidade sobre os problemas so-ciais’, e ‘redenção’/ ‘transformações coletivas’” (PY, 2016, p. 72). Estas são, portanto, características dos batistas heterodoxos, cuja representação pode ser encontrada nessas personagens históricas e no movimento denominado *Dire-triz Evangélica*, mas não exclusivamente. Um nome a ser lembrado também é do pastor Djalma Torres, conhecido por seu esforço em prol de um movi-mento ecumênico, a partir de sua experiência no estado da Bahia. Este pastor teve influências de teólogos como Dietrich Bonhoeffer, Paul Tillich, além da convivência com João Dias, Zwinglio Mota Dias, Rubem Alves, Dom Helder Câmara, Leonardo Boff e outros mais, tanto protestantes como católicos⁶.

Este tipo ideal de batistas está também em movimentos como, por exemplo, a recém-fundada, em 26 de abril de 2005, em Maceió-AL, Aliança de Batistas do Brasil. Uma organização de caráter ecumênico que segundo seu ponto de vista valoriza os princípios sob os quais historicamente os batistas se formaram, como liberdade de consciência, livre exame das Escrituras, liberdade de cada congregação e de expressão. Além destes, outros princípios se aproximam do movimento *Diretriz Evangélica*, tais como: a) Defender a causa dos empobrecidos e proscritos da sociedade; b) Lutar pela justiça com e para os oprimidos; c) Empreender todos os esforços necessários para o cuidado do planeta; d) Trabalhar incansavelmente em prol da paz com justiça (ABB, 2016).

Há limites nessas tipologias? Sim, toda tipologia é uma tentativa de enquadramento de uma realidade dinâmica e difusa e não pretende esgotar outras possibili-dades de análise. “Weber nega que o conhecimento possa ser uma reprodu-ção ou uma cópia integral da realidade, tanto no sentido de extensão, cômoda compreensão. O real é infinito e inesgotável” (FREUND *apud* ALENCAR, 2013, p. 64). Quando se trata do fenômeno religioso, então, “este muito mais fugaz e mutável. Sempre que um estudo elabora padrões, delimita espaços e estabelece modelos, chega com algum atraso, pois naturalmente o fenômeno religioso já tomou outra formulação, se alterou, se complexificou (ALEN-CAR, 2013, p. 64).

O objetivo, então, destas tipologias é a de construir um *todo inteligente*, reconhecendo a fugacidade dessa realidade, que o tempo todo estamos chamando de dinâmica. Logo, essa tentativa é, ao mesmo tempo, um *ponto de partida* e um *ponto de chegada* de todo processo de reflexão e de investigação (ALENCAR, 2013, p. 65).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como objetivo mapear, em meio aos números, a complexidade do movimento batista no Brasil, principalmente na segunda metade do século XX. Com o avanço do pentecostalismo e seus desdobramentos, as mudanças sociais e econômicas ligeiras e o crescente pluralismo religioso, os batistas se tornaram um movimento fluido e heterogêneo. Seria um equívoco epistemológico pensar que os mais de 3 milhões de batistas no Brasil, segundo o censo do IBGE (2010), sejam um bloco homogêneo de interpretações e práticas unívocas. Esta tem sido a tarefa da sociologia da religião: desvendar as tramas subjacentes ao universo religioso.

A proposta de construir tipologias para os batistas no Brasil está longe de ser um conceito fechado sobre os batistas. Trata-se, em certo sentido, de trazer à luz as diversas correntes de pensamento e práticas que oscilam entre conservadorismos, fundamentalismos, progressismos, etnocentrismos e inovações que colocam contra a parede um tipo de mito sobre a identidade religiosa que se pretende inalterável. A identidade religiosa, longe de ser uma herança, é interpretada hoje como uma realidade maleável, transitória, em constante construção e desconstrução. O pluralismo religioso consensual, principalmente nessa segunda metade do século XX, gera, conforme Berger e Luckmann (2012), *a perda do óbvio*, ou seja, traz para fora os questionamentos, as dúvidas sobre a plausibilidade da própria denominação religiosa, gerando uma sensação de relativismo, que acaba também questionando a autoridade de tradições e instituições.

THE BAPTISTS CHURCHES IN BRAZIL: CONSTRUCTION OF TYPOLOGIES

Abstract: the text aims at the census numbers (IBGE-2010), mapping the complexity and diversity of Baptists in Brazil. The methodology draws on quantitative data from the IBGE and from denominational entities to overcome a common sense reading and advance in the understanding of this complex religious field. It also has bibliographical research on Baptists in websites, books and documents that call attention to history, doctrines, continuities and ruptures of the most different segments. It seeks to build ideal types of Baptists as a me-

thodological resource for understanding a diffuse and dynamic reality of what is the largest Protestant denomination of history in Brazil.

Keywords: *Baptist Churches. Heterogeneity. Typologies. IBGE Census (2010).*

Notas

- 1 Neste gráfico não foram discriminadas as denominações: Menonitas, Anglicana e Exército da Salvação. Estão incluídas na categoria “outras”.
- 2 *Habitus* é aqui compreendido como: “[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 65).
- 3 O uso do empreendedorismo como categoria de análise dos fenômenos religiosos já tem sido discutido no âmbito das pesquisas, como por exemplo, na Jornadas de Estudos, que ocorreu em 2013, na França e teve como tema: LES FIGURES DE L’ENTREPRENEURIAT RELIGIEUX (As figuras do empreendedorismo religioso). As principais questões que envolveram o projeto foram: “De que forma se vê a relação entre modelos empreendedores e religiões institucionais (ou corpo de crenças mais ou menos claramente definidas)? Como esse relacionamento se manifestou na história ou em diferentes partes do mundo? Quais são as figuras que ilustram isso? Os organizadores do evento foram: Nicolas de Brémond d’Ars, Nathalie Luca, Rémy Madinier, Pierre-Charles Pradier. Informações disponíveis em: <<https://www.ehess.fr/fr/journ%C3%A9es-d%C3%A9tude/figures-lentrepreneuriat-religieux>>.
- 4 “Megaigrejas são congregações extraordinária ou excepcionalmente grandes, sobretudo pertencentes ao ramo evangélico conservador ou ao braço pentecostal/carismático do Cristianismo. Historicamente associadas ao continente norte-americano, as megaigrejas já chegaram à África, à Ásia e à América Latina. As novas comunidades reunidas em megaigrejas são conduzidas por pregadores carismáticos que, por essa característica, encabeçam ministérios que alcançam centenas de milhares de pessoas, ou até milhões delas, por meio de programas veiculados na mídia e outros recursos, como livros e gravações em vídeo” (ASAMOA-H-GYADU, 2014).
- 5 Também se aplica ou utilizam o termo autores como Ernst Bloch, Walter Benjamin e Georg Lukács. Na teologia, os teólogos da libertação como Leonardo Boff, Jon Sobrino e outros também podem ser considerados heterodoxos.
- 6 Mais sobre o pastor Djalma Torres pode ser visto em seu livro (autobiografia) “Caminhos de Pedra” (2011) e em uma entrevista concedida Adriana Martins dos Santos e Charlene José de Brito. Revista Perspectiva Histórica, Janeiro/Junho de 2015, n. 5. Disponível em: <<http://perspectivahistorica.com.br/revistas/1434222703.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

Referências

A HISTÓRIA DA NOSSA IGREJA. Disponível em: <<http://igrejabatistanet.com.br/novo/2015/08/30/a-historia-da-nossa-igreja/>>. Acesso em: 14 out. 2016.

- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.
- ALIANÇA DOS BATISTAS DO BRASIL - ABB. Quem somos. Disponível em: <<http://www.aliancadedebatistasdobrasil.com/p/quem-somos.html>>. Acesso em: 30 mar. 2017.
- ALVARENGA, Leonardo G. *O povo livre do Senhor: liberdade de consciência e instituição religiosa: tensões e contradições ocorridas na denominação batista*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, UMESP, São Bernardo do Campo, 2005.
- ALVARENGA, Leonardo G. *Os batistas em movimento: um estudo da dinâmica sócio religiosa de batistas no Brasil: o exemplo de Macaé-RJ*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, PUC-SP, São Paulo, 2017.
- ASAMOAHA-GYADU, Kwabena. As megagregas e suas implicações na Missão Cristã. Setembro de 2014 - Volume 3 / Edição 5. Disponível em: <<https://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2014-09-pt-br/as-megaigrejas-e-suas-implicacoes-na-missao-crista>>. Acesso em: 02 fev. 2019.
- BATISTAS REGULARES (QUEM SOMOS). Disponível em: <<https://batistaregular.wordpress.com/quem-somos/>>. Acesso em: 14 out. 2016.
- BERGER, Pierre; LUCKMAN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: orientação do homem moderno*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. et al. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris: La Haye, Mouton, 1963.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. (Organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.
- CAMARGO, Cândido P. F. de. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CASTRO, Alexandre de C. *A sedução da Imaginação Terminal: uma análise das práticas discursivas do fundamentalismo americano*. Rio de Janeiro: IERSAL, Horizontal Editora e Consultoria Ltda, 2003.
- CASTRO, Alexandre de Carvalho; DUSILEK, Sérgio R.G. SILVA, Clemir Fernandes. Identidade Social, mídia televisiva e construção histórico-cultural da memória coletiva: o caso de um movimento sócio religioso no Brasil. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 74-102, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v36n1/0100-8587-rs-36-1-00074.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- CAVALCANTI, Ebenézer. Pentecostização dos batistas. *Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 1,7, 15 jun. ed. 24, 1963a.
- CAVALCANTI, Ebenézer. Índícios de pentecostização dos batistas. *Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 4,12 out., ed. 41, 1963b.
- CAVALCANTI, Ebenézer. Frutos da pentecostização dos batistas. *Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 1,7, 21 dez. ed. 51, 1963c.
- CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL. *Os pioneiros 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil*. Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010.

- CRBB. 2013. Disponível em: <<http://crbb.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 18 out. 2016.
- DIMÁRZIO, Nilson. Renovação ou Inovação? *Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 4, ed. 42, 19 out. 1963.
- ESPERANDIO, S. Quem Somos. Disponível em: <<http://www.pioneira.org.br/quem-somos-ob10t>>. Acesso em: 13 out. 2016.
- FAJARDO, Alexander. *Nilson Fanini: pastor, empresário de mídia e amigo dos militares. Lideranças protestantes no Brasil: ensaios biográficos [recurso eletrônico]* / (Organizadores: Ester Fraga Vilas-Bôas do Nascimento, Newton Darwin de Andrade Cabral, José Roberto de Souza). Recife: Editora UFPE, 2015.
- FERREIRA, João Cesário Leonel (Org.). *Novas Perspectivas Sobre o Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2009.
- JACOB, Cesar Romero et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. da PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- LIVRO DO MENSAGEIRO - CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 2011. 91ª Assembleia Anual da CBB.
- MARTES, Ana Cristina Braga. Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 30, n. 2 (118), p. 254-270, abr./jun., 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000200005>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- MARTY, Martin E. Fundamentalisme. In: *DICTIONNAIRE CRITIQUE DE THÉOLOGIE*. Publié sous la Direction de Jean Yves Lacoste. Paris, Presses Universitaires de France, 1998. p. 585.
- MELO, Elton. Os Batistas Independentes em 2010. Quantos somos e onde estamos. 1. ed. Vitória, p. 1-10, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.cibi.org.br/cdr/quantossomos2010.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2018.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MIRANDA, Antônio César Camargo; NADALIN, Sérgio Odilon. Batistas eslavos em Curitiba: religião e etnicidade. *Revista Vernáculo*, Curitiba, n. 23, 24, p. 64-72, 2009. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/20862/13880>>. Acesso em: 24 mar. 2017.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Leitura Bíblica Fundamentalista no Brasil Pressupostos e desenvolvimentos. *Caminhando*, São Paulo, v. 7, n. 2 [10], p. 31-49, 2002.
- OLIVEIRA, Miriã Daneris Valério D'Avila de. *A formação musical dos professores de música na IBC – Bagé*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pampa, MÚSICA, 2016.
- PEREIRA, José dos Reis. *Histórias dos batistas no Brasil*. 3. ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.
- PEREIRA, Reinaldo Arruda. *Igreja Batista da Lagoinha, trajetória e identidade de uma corporação religiosa em processo de pentecostalização*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, SP, 2011.

- PIERUCCI, Antônio Flávio. Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.
- PITROWSKY, Ricardo. O que é que há com o Movimento da Renovação Espiritual? Uma séria advertência. *Jornal Batista*, Rio de Janeiro, p. 4, ed.1, 4 jan. 1962.
- PY, Fabio Murta de Almeida. *Lauro Bretones, um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1956*. Tese (Doutorado em Teologia) – PUC Rio, Rio de Janeiro, 2016.
- PURIM, V. A. Mais da história dos Batistas da Letônia. Disponível em: <<https://rionovo.wordpress.com/1992/07/11/breve-historico-dos-batistas-da-letonia/>>. Acesso em: 14 out. 2016.
- READ, Willian; INESON, Frank A. *O manual protestante: um estudo da dinâmica do crescimento da Igreja nas décadas de 1950 e 1960*. 5 opúsculos. Belo Horizonte: Betânia-Sepal, 1980.
- SILVA, Jesus Aparecido dos Santos. *Renovação Espiritual entre os Batistas no Brasil: uma abordagem sociológica*. Brasília: LERBAN, 2015.
- SILVA, Gomes. Convenção Batista Reformada do Brasil é organizada em São Paulo. 2017. Disponível em: <<https://visaocrista.com/convencao-batista-reformada-do-brasil-e-organizada-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 04 set. 2018.
- TORRES, Djalma. *Caminhos de Pedra*. Feira de Santana, Curviana, 2011.
- WEBER, M. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). *Max Weber: sociologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 79-127.
- WEBER, M. *Economia e Sociedade; fundamentos da Sociologia Compreensiva*. 3. ed. Brasília: Editora UNB, 2000. V.1
- WILLAIME, J-P. Fondamentalisme. In: *ENCYCLOPÉDIE DU PROTESTANTISME*, sous la direction de P. Gisel, Paris, Cerf - Genève, Labor et Fides, 2006. p. 523.